



EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES NEGROS NA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 EM ESCOLAS PÚBLICAS DA CIDADE DE PACATUBA-CE

Sônia Maria da Costa Braga¹

Tiago Souza de Jesus²

Victor Matheus Gonçalves de Figueiredo³

RESUMO

O objetivo deste artigo é destacar a trajetória profissional de professores afrodescendentes em escolas públicas de tempo integral na cidade de Pacatuba, Ceará. Especificamente, investigou-se as políticas estatais que visam implementar e fortalecer a Lei 10.639 de 2003, a qual preconiza o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. É perceptível uma variedade de experiências que se fragmentam ao longo do tempo. Esse aspecto é crucial para compreender o desenvolvimento da implementação dessa lei no contexto abordado. O racismo brasileiro é uma tecnologia sofisticada que atua de diversas formas nos meandros da sociedade. A descontinuidade dos trabalhos que atendem a citada Lei apresenta desarticulações que inicialmente aparentam ser naturais, dos rumos que tomam a rotina pedagógica. Embora a educação do Ceará seja frequentemente associada ao sucesso, com suas práticas e inovações que influenciaram a formulação de políticas públicas nacionais no campo da educação, os desafios enfrentados no ambiente escolar são significativos, especialmente no que diz respeito à educação antirracista. A escola é um corpo vivo em disputa pelos atores que dela pertencem. A batalha pelo currículo não difere substancialmente de outras realidades educacionais. Como conclusão, apontamos que a descontinuidade dos trabalhos educativos no campo antirracista apresentam uma causa e esta causa está intimamente associada a forma como o racismo atua na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Racismo; Afrodescendência; Descontinuidade; Lei 10.639/03; Letramento Racial crítico.

INTRODUÇÃO

O racismo no Brasil se baseia na inferiorização da população negra, o que pode explicar resistências à implementação da Lei 10.639/03. Este artigo discute descontinuidades em projetos artísticos e culturais na escola. O movimento negro luta por ações afirmativas, especialmente mudanças curriculares. A lei federal de 2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura africanas e afro-brasileiras, enfrenta resistência mesmo após 20 anos.

A temática étnico-racial na escola, respaldada por essa lei, enfrenta desafios como formação de professores, projetos de envolvimento com a comunidade, inclusão nos livros de todas as áreas e reflexões sobre identidade. No Ceará, existe uma crença de ausência de

¹ Licenciatura Específica em Língua Portuguesa. Universidade do Vale do Acaraú - UVA. E-mail: sobraga40@gmail.com

² Mestre em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará. E-mail: tiagounifesp@gmail.com

³ Mestre em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará. E-mail: victor.matheus9785@gmail.com



negros. Essa falsa ideia é refutada pela presença de manifestações culturais e dados do IPECE mostrando 72% de autodeclarados negros em 2019.

A educação para relações étnico-raciais deve considerar a localidade da escola. O letramento racial permite atividades que provocam reflexões sobre identidade, moldada por experiências em família, religião, escola, amizades e mídias. Entendendo que o letramento é múltiplo, é importante especificar que letrar para o mundo contemporâneo é trabalhar com letramentos multissemióticos, usar de linguagens orais, escritas e imagéticas, letramento multicultural, uso dos conhecimentos escolares e conhecimentos populares, o letramento crítico e protagonista, uso de abordagens que permitam compreender textos identificando características ideológicas, ética e democráticas. Segundo Aparecida de Jesus Ferreira (2015, p. 138), o letramento racial crítico é:

[...] refletir sobre raça e racismo e nos possibilita ver o nosso próprio entendimento de como raça e racismo são tratados no nosso dia a dia, e o quanto raça e racismo têm impacto em nossas identidades sociais e em nossas vidas, seja no trabalho, seja no ambiente escolar, universitário, seja em nossas famílias, seja nas nossas relações sociais.

O letramento em uma perspectiva educacional antirracista ganha espaço relevante dentro da teoria racial crítica, classificando-o como a necessidade de uma educação voltada a discutir raça e racismo nas práticas cotidianas. Me chamaram de macaco e eu nunca mais fui à escola, é o título de um artigo publicado pelo intelectual negro Henrique Cunha Junior em 2008, no qual descreve aspectos de como o racismo brasileiro atua no ambiente escolar. Segundo Cunha Júnior (2008, p. 229),

[...] uma das causas frequentes, dentre muitas, da evasão, dos baixos aproveitamentos, ou, pelo menos, dos desconfortos e constrangimentos dos afrodescendentes nas escolas está relacionada com os afrodescendentes nas escolas está relacionada com os procedimentos de xingamentos, piadas e ações de fundo racistas.

Parte significativa das dificuldades de empunhar práticas pedagógicas que atendam a Lei 10.639/03 no ambiente escolar decorre de incompreensões acerca da luta antirracista e práticas pedagógicas antirracistas no ambiente escolar. Essas incompreensões por vezes barram projetos e propostas elaboradas por professores antirracistas.

Lembramos da proposta de elaboração de um Jornal negro na escola ao longo do ano de 2023 em que docentes envolvidos na reunião propuseram a criação de um jornal da diversidade escolar. Entendemos a importância de se trabalhar na perspectiva da diversidade na escola. Contudo, a proposta configura-se como uma tentativa (ainda que não combinada



previamente) de impedir a criação de um espaço específico da população negra (professores negros e estudantes negros) dentro da instituição.

Outro ponto importante relacionado a luta antirracista dentro da escola está relacionado aos esforços empunhados para determinadas atividades. Esse ponto também está relacionado à incompreensão do que seja racismo e como ele opera na sociedade brasileira. Aqui, precisamos entender a que ordem pertence determinada ação ou prática racista presente na escola e na sociedade, são elas: problemas situacionais e os problemas estruturais. Os problemas ocasionais ou situacionais são, segundo Cunha Junior (2019, p. 68)

[...] são de dimensões menores, não menos importantes, entretanto de solução mais fácil, que demandam menor esforço econômico na solução. As inclusões de problemas ocasionais na sociedade são feitas com mobilizações menores de recursos materiais e imateriais, pois são mais fáceis de resolver, como é o caso da acessibilidade aos edifícios públicos.

Os problemas estruturais estão relacionados a um longo período histórico e que afetam de forma significativa milhões de seres humanos, que por vezes são impedidos de seguir o curso natural da vida pelo fato de que os problemas de ordem estrutural serem capazes de produzir ideologias que permeiam todos espaços, até mesmo os mais estreitos da sociedade e ressignificam relações institucionais. Segundo Cunha Júnior (2019, p. 68), são

problemas de longa duração e demandam esforços econômicos importantes na sua solução. As necessidades das populações negras são estruturais e determinadas por causas estruturais, resultantes de processos sociais estruturais da sociedade brasileira, o escravismo criminoso e o capitalismo racista antinegro.

A mudança da situação de vida é um problema estrutural. É necessário compreender conceitualmente as diferenças entre preconceito e discriminação (ocasionais e situacionais) e o racismo antinegro (estrutural). Enquanto que o preconceito ou discriminação racial é todo tipo de julgamento que discrimina de forma negativa uma raça/etnia, que o considera menos capaz ou inferior. O racismo, sob a perspectiva de Clóvis Moura e Kabengele Munanga, é uma “sofisticada tecnologia” (Moura, 1994) que produz “um crime perfeito” (Munanga, 2010), e mantém a população negra na mesma condição por séculos e mais séculos.

Clóvis Moura enxergava o racismo como uma arma ideológica de dominação (MOURA, 1994) e a cultura de dominação é um aspecto efetivo do racismo e que para a emancipação do povo negro brasileiro pudesse ser efetivada era necessário enfrentamento dessa cultura de dominação. Portanto, para o intelectual negro marxista, o motor da história no Brasil são as insurreições negras contra o escravismo (MOURA, 2014).

Por sua vez, Kabengele Munanga, vê o racismo por vezes interpretado sob a ótica da ideia de raça, que dificulta a compreensão do que de fato seja o racismo. O racismo, em sua



perspectiva, é uma crença na existência de uma hierarquia natural entre raças. Essa conceituação cria a ideia sociológica de raça, que se expande e transpassa a estrita definição biológico-hereditário. Mas, agora, relacionado ao comportamento, a forma de ser e estar no mundo (MUNANGA, 2004). Portanto, falar de educação na perspectiva da educação para as relações étnico-raciais é atacar diretamente um problema estrutural do Brasil, a construção de uma educação na perspectiva da afrodescendência. O racismo antinegro precisa ser pauta das nossas discussões no ambiente escolar ao mesmo tempo que deve ser encarado como problema social estrutural urgente e que influencia a vida de todos os grupos étnicos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A perspectiva da afrodescendência é uma das bases conceituais deste artigo científico. A interpretação das experiências no contexto escolar cearense partem da perspectiva da Afrodescendência, base conceitual que surge no Brasil na esteira pan-africanista de elaborações de conceitos de base africana. A afrodescendência segundo Henrique Cunha Júnior (2001) é o reconhecimento de uma etnia de base africana. Sua conceituação, ainda segundo Cunha Junior (2021) é necessária visto a confusão existente em torno do conceito de negro. Para tal, a afrodescendência e a africanidade são conceitos que embasam o conceito de população negra, ruptura epistêmica, vista a complexidade sistêmica dos estudos no campo da afrodescendência.

Para entender as relações étnico-raciais faz-se necessário compreender o conceito de raça como categoria de estudo, conseqüentemente como categoria de análise científica no campo das ciências sociais. Nilma Lino Gomes (2005) analisa a discussão em torno dos conceitos sobre relações raciais, pontuando que o termo raça ainda é usado por dar conta da complexidade existente nessa relação entre negros e não negros, além de ser utilizada por militantes do movimento negro e intelectuais negros que utilizam o termo partindo de uma ressignificação que permite delinear as questões históricas, culturais e sociais do negro na sociedade brasileira.

Silvio Almeida (2019) analisa três concepções em que a sociedade brasileira assimila o racismo: individual, institucional e estrutural. Na concepção estrutural há o questionamento de ordem social que entende as instituições como a materialização das estruturas que regem o racismo, tendo o entendimento de que o racismo é fruto da sociedade. Almeida (2019, p. 30) afirma:

O racismo é uma ocorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia



social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção.

Ao entender a escola como uma instituição do Estado, faz-se necessário compreender que a educação deve ser um espaço de aprendizagem antirracista. Gomes (2005) defende a formação cidadã pautada nos saberes da População negra e escolares, na realidade social e diversidade étnica-cultural, tal entendimento tem como obstáculo a prática educacional dos professores, pois assim como na sociedade brasileira, a escola afirma a existência do racismo, mas mantém um discurso de negação do mesmo.

Sobre a ideia de racismo, utilizamos a perspectiva de Clóvis Moura (1994) que define racismo como uma arma ideológica para subjugação da população negra. Tem-se a cultura como aspecto alienador e que efetiva a prática do racismo nos meandros da sociedade brasileira. Sob esse aspecto, as insurreições, guerras e lutas da população negra é o motor de desenvolvimento da história (MOURA, 2014) e fator de emancipação da população negra. Cunha Júnior sintetiza as insurreições como “sistemáticas reações ao escravismo criminoso” (CUNHA JUNIOR, 2022, p. 108). Essas perspectivas de base africana viabilizam a compreensão da totalidade das experiências afrodescendentes no contexto brasileiro.

Trajetórias de professores negros em escolas públicas da cidade de Pacatuba-CE

Pacatuba, no Ceará, tem 133 km² e cerca de 81 mil habitantes com renda média de 1,7 salário mínimo. Há 32 escolas municipais de ensino fundamental e seis estaduais de ensino médio. Este estudo aborda experiências entre 2019 e 2023 em duas escolas integrais: n° 1 e n° 2. Ambas têm realidades geográficas, étnicas e econômicas semelhantes, atendendo principalmente jovens de 15 a 17 anos autodeclarados pretos ou pardos. Localizadas em bairros afastados, atendem públicos com variações no Programa Bolsa Família e estudantes de regiões rurais.

Ambas têm cerca de 400 estudantes por ano, transitando para tempo integral em 2018 e finalizando em 2020. Possuem corpo docente de 30 a 40 professores, mas as experiências afrodescendentes foram lideradas por 3 professores, dois homens e uma mulher, autodeclarados pretos. Iniciaram na escola n° 1 em 2019, separaram-se em escolas diferentes e reuniram-se novamente em 2023 na escola n° 2, retomando as atividades educativas antirracistas.

1. Semana de Humanidades: Aproximações África-Brasil - 2019.



A semana de humanidades ocorreu na escola integral nº 1. As atividades foram desenvolvidas nos espaços disponíveis na escola, quadra, salas e pátio e em espaços externos como pontos históricos da cidade, museu da Pacatuba e o espaço cultural José de Alencar⁴. Os espaços foram utilizados para a apresentação de oficinas, palestras, apresentações e cine-debates.

A participação da comunidade foi por meio de oficinas e palestras sobre a formação da cidade, capoeira, oficina de percussão e oficina de turbante. A proposta do evento foi organizada pela área de ciências humanas tendo dois professores negros e uma professora negra como idealizadores e organizadores. É importante ressaltar que houve o envolvimento de todos os estudantes, técnicos, gestores, professores e demais membros-convidados da comunidade local apenas na culminância, sendo, o desenvolvimento e preparação das atividades junto aos estudantes uma tarefa desenvolvida apenas por três professores negros.

Para a apresentação foram elencadas 7 categorias culturais referente ao tema das relações entre o Brasil e o Continente Africano e sorteado entre as turmas dos primeiros anos e segundos, por conta da aproximação do vestibular as turmas da 3ª série do ensino médio não participaram das atividades. As categorias foram de dança, músicas, artes, literatura, religião e moda. A apresentação de cada turma teria que envolver pesquisa, escrita das informações consideradas as mais relevantes, decoração das salas de acordo com a sua categoria sorteada, apresentação e organização da sala.

O evento intitulado de semana de humanidades durou em torno de dois meses, sendo divididas entre atividades externas, que possibilitam as pesquisas, orientações e formação crítica dos estudantes sobre as relações étnico-raciais, até a culminância que foi a semana propriamente dita da organização das salas temáticas com as apresentações. O evento também marcou a fundação de um Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) na instituição de ensino.

2. ÉtnicoLeituras - 2020 -2021

O grupo ÉtnicoLeituras ocorreu na escola integral nº 1 e surgiu de uma demanda coletiva não combinada entre os professores-autores deste artigo e um amigo professor de língua portuguesa e estudantes negros de uma escola pública da cidade de Pacatuba. Tal demanda é posterior a ideia de se criar um espaço coletivo dentro da instituição de ensino que estivesse alinhado aos ideais de um NEAB, como proposto no ano de 2019. Contudo, dois meses depois da ideia iniciou-se no mundo todo a pandemia de Covid-19 que impediu as reuniões presenciais.

⁴ O espaço cultural está localizado na cidade de Fortaleza e está sob cuidados da Universidade Federal do Ceará. O espaço recebe exposições e atividades culturais voltadas para a população.



Com isso, criou-se o grupo ÉtnicoLeituras como estratégia de driblar as condições impostas pela pandemia. O grupo se encontrou periodicamente de forma virtual, via *google meet* e contou com a presença de três professores e 5 alunos, inicialmente. Em alguns momentos fizeram-se presentes outros estudantes e professores, contudo, a formação inicial permaneceu do início ao fim tendo um ou outro membro participando menos, porém sempre ligado ao grupo de alguma forma.

As temáticas dos encontros ficavam a cargo do próprio grupo, que escolhia o tema a ser discutido e o texto a ser lido. Na maior parte do tempo em que o grupo esteve ativo, o professor-autor Victor esteve à frente das reuniões. Por vezes, o grupo assumiu um formato de encontro para desabafos de estudantes e professores negros, que espunham ali situações cotidianas de dores. O grupo, em determinado momento de maturação, passou a ser convidado para fazer presença em momentos formativos de outros grupos. Estudantes e professores representaram o grupo em outros espaços. Neste momento, percebemos que a ideia inicial havia de fato tomado corpo. Ainda que virtualmente, havíamos criado um espaço para nós negros e negras.

O grupo parou de se encontrar após a formação dos estudantes que, precisando trabalhar, sentiram dificuldade de conciliar as reuniões com estudo e trabalho. O grupo não renovou e logo após a virada do ano de 2021 para 2022, o grupo parou de se encontrar. É importante frisar que os momentos formativos promovidos pelo grupo foi objeto de estudos de uma dissertação de mestrado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação da UFC⁵.

3. Semana (virtual) da Consciência Negra - 2021

Em 2021 aconteceu a Semana Virtual da Consciência Negra, que ocorreu na escola integral nº 2, devido às condições impostas pela Pandemia de Covid-19. Todos os momentos de interação aconteceram de forma virtual via Instagram com lives de debates, dicas de livros antirracistas e *post* da beleza negra no *feed* do Instagram de uma escola pública da cidade de Pacatuba. Desse momento surgiu o Papo reto, momento de discussão com temas que eram levantados por estudantes e envolviam um convidado e um membro da escola. Geralmente um professor e um estudante.

4. Semana da África (Dia Mundial da África) - 2022

A Semana da África aconteceu de forma presencial na escola integral nº 2 e teve um caráter de celebração alusiva ao processo de independência dos países africanos. Na ocasião foram convidados estudantes guineenses e um professor do curso de Pedagogia na

⁵ A dissertação Escrita (auto)biográfica e círculo de leitura literária no desenvolvimento do letramento racial crítico com jovens do Ensino Médio defendida em 2022 é de autoria do professor-pesquisador Victor Figueiredo.



UNILAB-Redenção, que fizeram apresentações científicas e artísticas e oficinas para os estudantes da escola. Este momento contou com a colaboração e organização de um professor ex-estudante guineense da UNILAB.

5. **Jornal Negro - 2023**

O jornal Negro está em processo de formação e acontecendo na escola integral nº 2. Houveram 4 encontros este ano de 2023 em que foram distribuídos os cargos entre os estudantes e professores envolvidos. O projeto envolve mais de uma área do conhecimento e estudantes da primeira e segunda série do Novo Ensino Médio de uma escola pública de tempo integral da cidade de Pacatuba. A intenção com o Jornal é que se crie um escola da negritude no ambiente escolar, em que os estudantes possam se expressar por meio do jornal e assim contribuir para criação de um espaço democrático.

6. **A lei 10.639/03 nas aulas de Língua Portuguesa Literatura e Redação**

As aulas de Língua Portuguesa, Literatura e Redação não podem ser iguais após a inserção da lei 10.639/03. Nas experiências apresentadas a seguir a sala de aula ganha voz nas reflexões, acolhimento nas dinâmicas, evolução na escrita e aos poucos, como um trabalho de formiguinha, novos resultados surgem. As experiências foram vivenciadas com alunos do Ensino Médio, nas aulas de Língua Portuguesa, Literatura e Redação. Os objetos de estudo foram escolhidos conforme as competências e habilidades da BNCC. Segue a descrição:

6.1 - Roda de conversa com meninas negras:

A roda de conversa com meninas negras traz a aproximação livre e voluntária para um momento de fala e escuta. Tem como objetivo geral proporcionar a reflexão sobre o papel da mulher na sociedade e especialmente as questões que atravessam a mulher/menina negra. Também, acolher sem julgamento e com respeito o que cada uma delas traz e reconhecer os discursos que circulam nessa prática. Em círculo, para que a palavra tenha sentido, a linguagem verbal e a linguagem não verbal propicia a transformação do discurso e aproximação de todas. Inicialmente acolhemos umas às outras, sentamos em círculo para que a palavra circule. Em seguida, fizemos o estudo do livro da bell hooks, “Tudo sobre o amor”. Temáticas como: a solidão da mulher negra, a autoestima das meninas negras... O choro, o silêncio, a vergonha, os gestos são movimentos que repercutem na coleta de dados para a análise do discurso em evidência. Pode -se dizer que é o ponto de partida para o contato do olho no olho, para falar de si abertamente, sempre de si. São lados importantes, da fala e da escuta, da aproximação e do distanciamento. “Não estou mais sozinha”, a fala e a escuta proporcionam esse engajamento. A valorização da individualidade, o contexto familiar e o



que elas trazem para a roda deve ser preservado no anonimato. Com isso, novos discursos e novas maneiras de comunicação vão se criando. Ao olhar para dentro tem-se a possibilidade e lucidez para reorganizar linguagens de acolhimento e valorização na própria história. Além do engajamento em grupo há a repercussão individual para a valorização da sua própria história. Acontece quinzenalmente desde agosto de 2022 e as participantes dão retorno positivo. Vale ressaltar que a prática foi descontinuada por falta de espaço físico.

6.2 - Ler e escrever uma escola antirracista

O projeto; “Ler e escrever uma escola antirracista”, foi pensado pela necessidade de reflexão sobre o racismo e a sutileza do racismo estrutural. A escola é um espaço de interação social e de diversidade, o racismo mata e traz sequelas devastadoras. Nesse sentido ler o livro: **Pequeno manual antirracista** da Djamila Ribeiro é um passo pequeno para refletir e pensar numa ambiente menos racista. O projeto foi dividido em seis aulas com leitura do livro e escrita dos gêneros textuais; resumo, fichamento, poesias e dissertativo- argumentativo. Objetiva usar a leitura do livro, Pequeno manual antirracista da Djamila Ribeiro, para refletir sobre essa prática criminosa e escrever para reafirmar a importância desse estudo para a comunidade escolar. Pretende-se que os estudantes reconheçam a importância da prática antirracista. O projeto aconteceu em seis aulas (Redação e Língua Portuguesa), nos meses de março e abril de 2023.

6.3 - Uso da música nas aula de Leitura e debate

No ano de 2023 foi inserida a música de personalidades negras para relaxar, escutar, conversar, debater e escrever. Muitos conhecimentos pertinentes a linguagem e discurso foram valorizados, como: variação linguística, coerência e coesão, intertextualidade, tipologia textual e gêneros textuais. Ainda, o reconhecimento da personalidade negra e a temática a ser discutida. Segue os nomes dos artistas e das artistas inseridos nessas atividades: Emicida, Iza, Pixinguinha, Elza Soares, Mano Brown, Thiaguinho e Liniker. Cada aula foi estudado uma música e um objeto de estudo “conteúdo”, após escutar as músicas aconteceram debates, estudo da língua no contexto social e uma atividade escrita. A avaliação desses momentos foram motivados positivamente pelas falas dos estudantes, produções de textos e questões relacionadas ao que foi estudado. A prática pedagógica segue em curso no ano vigente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas atividades representam esforços contínuos de professores negros antirracistas contra o racismo antinegro, conectando-se diretamente à vida do estudante. A Semana de



Humanidades, EtnoLeituras, Semana virtual da consciência negra, semana da África e o Jornal Negro, embora relevantes, não tiveram continuidade.

A descontinuidade dos projetos na escola evidencia como o racismo opera nesse ambiente. Tentativas de criar espaços para a população negra são vistas como subversivas, e projetos alinhados à Lei 10.639/03 são considerados ameaças ao currículo. Não há prioridade para a continuidade de projetos bem-sucedidos que abordam a vida da população negra.

As ações, desenvolvidas no contexto da Lei 10.639/03 e disciplinas eletivas de Educação para as relações étnico-raciais (ERER), promoveram letramento racial, gerando mudanças na postura da comunidade escolar em relação a questões raciais. A ERER no Ceará, existente há anos, proporciona um espaço de 2 horas de aula para educação em relações étnico-raciais dentro da carga horária do estudante.

As experiências retratadas neste trabalho revelam desafios na implementação da Lei 10.639/03. A estrutura apresentada até agora destaca diversas atividades previamente planejadas e abordadas, propostas como sugestões para as escolas. Todas as vivências compartilhadas neste artigo contaram com a participação ativa dos professores-autores, especificamente os três educadores negros de duas escolas públicas em Pacatuba-CE.

A dificuldade de manter a continuidade dessas iniciativas está fortemente ligada à falta de espaço físico e tempo na carga horária dos professores. A dinâmica diária dos professores de escolas públicas de ensino médio integral apresenta novos desafios, envolvendo a ocupação em sala de aula, as atividades relacionadas aos itinerários formativos e à formação geral básica.

Acreditamos que as práticas de letramento racial foram bem-sucedidas, permitindo a discussão de temas cruciais para que os estudantes ampliem sua compreensão sobre o racismo. Em algumas ocasiões, ficamos surpresos com as iniciativas dos estudantes, que foram além de pesquisas superficiais, organizando exposições, curtas-metragens e danças. Essas ações fortaleceram nossa determinação em dar continuidade aos projetos na escola, evidenciando que, apesar das adversidades, a educação para as relações étnico-raciais é de interesse dos alunos.

A ausência de apoio ao longo de todo o processo de elaboração das atividades reflete a falta de compreensão por parte de professores e outros membros das instituições em relação à luta antirracista. Os esforços concentram-se no que é situacional. Uma roda de conversa sobre racismo em um dia comum é menos onerosa e mais prática do ponto de vista econômico do que a criação de espaços permanentes voltados para a luta antirracista.

REFERÊNCIAS



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Polén, 2019.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. Senado Federal. **Medida Provisória nº 746, de 22 de Setembro de 2016**. Disponível online em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/medpro/2016/medidaprovisoria-746-22-setembro-2016-783654-publicacaooriginal-151123-pe.html> acesso em 21/05/2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 627, de 4 de Abril de 2023**. Disponível online em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-627-de-4-de-abril-de-2023-475187235>

BRASIL. **Alteração da Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Lei nº. 10.639, 9 de janeiro de 2003.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Cidades**. Brasília-DF, 2022.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Conselho Nacional de Educação, Parecer CNE/CP nº. 03, 10 de março de 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação e Cultura debatem ações conjuntas**. 2015. Disponível online: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35860> acesso em 20/08/2020.

CEARÁ. Secretaria de Educação. **Documento Curricular Referencial do Ceará - DCRC**. Fortaleza, 2021.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Me chamaram de macaco e eu nunca mais fui a escola. In: CUNHA JUNIOR, Henrique; GOMES, Ana Beatriz Souza. **Educação e Afrodescendência no Brasil**. Fortaleza: UFC Edições, 2008. 287 p.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Africanidade, Afrodescendência e Educação. **Educação em Debate**, Fortaleza, ano 23, v. 2, n. 42, p. 5-15, 2001. Disponível em https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14604/3/2001_art_hcunhajr.pdf. Acesso em 20 jun. 2023.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **História dos afrodescendentes**: disciplina do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará. Revista Espaço Acadêmico, v. 21, n. 232, p. 99-113, 2022.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Bairros negros**: ruptura epistêmica do pan-africanismo no Brasil. EXTRAMUROS – Revista de Extensão da UNIVASF, Petrolina, v. suplementar, 2021. Disponível em <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/view/1964/1213>. Acesso em 20 jun. 2023.

CUNHA JUNIOR, Henrique. (2019). **Bairros negros**: a forma urbana das populações negras no Brasil. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros - ABPN, 2019. 11. 65-86. 10.31418/2177-2770.2019.v11.c.1.p65-86.

COSTA, M de F.V. **Ecos do silêncio em narrativas (auto)biográficas**. In: ATEM, Erica e Costa, Maria de Fátima V. (Org.). Alteridade: o outro como problema. V.1, p. 50-61. 1ed. Fortaleza Gráfica Ltda, 2011.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância Lima.



FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Letramento Racial Crítico Através de Narrativas Autobiográficas**: Com atividades reflexivas. Ponta Grossa, PR: Editora Estúdio Texto, 2015.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo**: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.21, pp.40-51.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: Uma breve discussão. História. Coleção para todos. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Brasília: Ministério da Educação – 2005a.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações raciais**; refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele; org. **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisado p. 143-154. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005b.

GONZALES, Lélia. **A categoria político-cultural da amefricanidade**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1988.

HOOKS, bell. **Intelectuais negras**. Revistas estudos feministas, n.2,v.3,1995.

HOOKS, bell. 1952-2021, **Tudo sobre o amor novas perspectivas/ bell hooks**; tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala**: quilombos, insurreições, guerrilhas. 5ª ed. São Paulo: Anita Garibaldi / Fundação Maurício Grabois, 2014.

MOURA, Clóvis. **O racismo como arma ideológica de dominação**. Revista Princípios, São Paulo, 1994, n. 34, ago./out. p. 28-38.

MUNANGA, Kabengele. **Nosso racismo é um crime perfeito** - Entrevista com Kabengele Munanga. Revista eletrônica Fundação Perseu Abramo, 2010. Disponível online em: <https://fpabramo.org.br/2010/09/08/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito-entrevista-com-kabengele-munanga/>

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismoIdentidadeEEtnia.pdf acesso em 20 ago. 2023.

NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência, a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 251 -261

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. 1a ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1a ed - São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** - 1a ed.- São Paulo: Companhia das letras, 2018.